

(ou desonestidade) dos políticos para subsistir.

O que faz com que Daley seja um político bem sucedido é, por um lado, a sua capacidade de satisfazer às demandas da elite socioeconômica de Chicago e, por outro, a sua capacidade de fornecer ao partido os recursos financeiros e políticos de que necessita para eleger seus candidatos.

Chicago é um dos maiores centros industriais dos Estados Unidos e, portanto, um dos maiores do mundo. As organizações industriais de Chicago (as indústrias, os sindicatos, etc.) possuem demandas políticas que Daley é capaz de satisfazer. Por isso, as indústrias, os industriais, as classes médias e os líderes sindicais não só apóiam Daley como fornecem enormes quantias de dinheiro ao Partido. Além disso, a polícia de Chicago consegue controlar os negros, os porto-riquenhos e outras minorias étnicas pobres que fornecem seu trabalho para as indústrias e o comércio da região. Daley consegue manter essas minorias relativamente isoladas das classes alta e média, em enormes guetos de onde só saem para trabalhar. Por outro lado, Daley possui uma rede de contatos e relações sociais que distribuem empregos, favores e serviços para aqueles que estão necessitando ou estão "insatisfeitos". Finalmente, nas épocas de eleições Daley não só fornece recursos financeiros como também votos ao Partido Democrático. Por isso, Daley possui tanto o apoio da elite econômica de Chicago como a "confiança" da elite partidária. Daley é, em resumo, um político que satisfaz às demandas do capitalismo norte-americano e, portanto, não interessa se ele é honesto ou desonesto. Interessa, isso sim, a sua integração com um sistema que possui demandas que ele é capaz de satisfazer.

Tudo isto Royko deixa de observar, e o livro se transforma em análise semelhante a que os redatores políticos de *O Estado de São Paulo* faziam de Ademar de Barros.

Manoel Tosta Berlinck

The Industrial Revolution in Germany

Por Knut Borchardt. Corresponde ao v. 4, fasc. 4, s/d. (Fontana Economic History of Europe).

"Não há na atualidade nenhuma história econômica da Europa que, abrangendo-a como um todo ou cada um dos seus países em particular, seja plenamente satisfatória". Pelo menos é isto o que alegam os editores de uma pequena coleção de cerca de 60 fascículos que formarão, quando terminados, a Coleção Fontana de História Econômica da Europa. Cada um dos fascículos será uma espécie de capítulo dessa história econômica, cuja elaboração está a cargo de especialistas na área. A coleção, como um todo, conta com a orientação de um dos mais reputados nomes da atualidade no campo da história econômica, o Prof. Carlo Cipolla, da Universidade de Paris.

Não somente historiadores, mas especialistas em desenvolvimento e economistas em geral, terão suficiente razão para louvar esse grande empreendimento editorial da Fontana, posto que virá preencher uma lacuna no estudo de história econômica comparada, lacuna essa que é de se lastimar, especialmente com relação a alguns temas de grande relevância para os dias de hoje. Tal é o caso

da Revolução Industrial. Para entendermos esse fenômeno que em menos de dois séculos transformou radicalmente a situação do homem na face da Terra, e que ainda em nossos dias é a grande meta dos países subdesenvolvidos, faz-se necessário isolar o específico do geral. Trocado em miúdos, para compreendermos a natureza do processo de industrialização precisamos isolar o que este tem em comum em todos os países que o atravessaram e o que é específico a cada um deles. E isso, só por meio de um estudo comparativo de história econômica é que podemos atingir. É neste ponto que achamos louvável a tentativa do Prof. Cipolla de dar uma visão global da industrialização européia nos 11 fascículos que constituirão o volume 4 desta coleção. A obra que temos em mãos seria o quarto fascículo desse volume. É de autoria de Knut Borchardt, professor de economia da Universidade de Munique. Abrange um período um pouco mais longo que o do *take off* industrial da Alemanha propriamente dito (fenômeno que, iniciando por volta de 1830, intensifica-se a partir de 1850), posto que cobre o período de 1700 a 1914.

A obra se encontra dividida em quatro capítulos: uma introdução e um capítulo dedicado a uma análise sumária da situação da Alemanha antes da Revolução Industrial, e dois outros mais longos que formam o cerne do livro: O período preliminar e O desenvolvimento da economia industrial. O período preliminar corresponde à fase anterior a 1850, e O desenvolvimento da economia industrial aos anos entre 1850 e a I Guerra Mundial.

Ao analisar os pontos de contato entre a industrialização alemã e a de outros países europeus, Borchardt chega à mesma conclusão a que anteriormente já haviam chegado Mantoux, Deanc e Ashton, entre outras, de que a industrialização é um fenômeno complexo que engloba pelo menos três "revoluções": uma demográfica, uma agrícola e uma de transportes. A industrialização alemã diferiria, entretanto, da ocorrida na Inglaterra no sentido de ter sido induzida e não autônoma, no sentido de ter ocorrido bem mais tarde, de ter-se iniciado mais lentamente embora com

surpreendente aceleração na segunda metade do século passado e, finalmente, por ter ocorrido numa estrutura socioeconômica totalmente diversa.

O autor alinha uma série de fatores que poderiam ter atrasado a industrialização alemã, destacando-se entre eles, primeiramente, o regime das guildas. Este, à semelhança do que ocorreu na Inglaterra, representou sério obstáculo à industrialização, só tendo sido abandonado em certas regiões da Alemanha, por exemplo, na Saxônia, na segunda metade do século passado. A pesada tributação agrícola e manufatureira necessária para financiar os elevados dispêndios militares é também apontada como um sério obstáculo ao desenvolvimento industrial. Na mesma categoria poderíamos colocar a divisão política (e religiosa) da Alemanha que impunha uma série de restrições ao comércio inter-regional. Para termos uma idéia do que isso poderia representar, em 1789 existiam cerca de 314 territórios independentes na área que mais tarde se tornaria o Império Alemão. Finalmente, o peso da tradição, a relutância em inovar e a pequena mobilidade social parecem também ter dificultado bastante o aparecimento da indústria moderna.

Entre os fatores que contribuíram para o desenvolvimento industrial teutônico, o autor aponta o aumento populacional de fins do século XVIII, fenômeno cujas causas permanecem obscuras, mas que teve efeitos bem pronunciados no tocante à industrialização, devido ao aumento na demanda de manufaturas que gerou. Parece ter ocorrido no período, ainda, outro fenômeno que teria acelerado o nível da demanda: um ligeiro aumento na produtividade da mão-de-obra e da terra. A libertação do campesinato e o Bloqueio Continental de 1806/13 parecem também ter contribuído positivamente nesse sentido. O governo teve sua participação no processo por meio de alguma de suas políticas, notadamente a educacional. Finalmente, há a assinalar um fator que tanto pode ter contribuído positiva como negativamente para a industrialização alemã — o fato de a Alemanha não ter sido o primeiro país a se industrializar. A contribuição de tal fator só teria sido positiva

se, ao permitir que a Alemanha evitasse incorrer nos "erros" da industrialização inglesa, tivesse mais que compensado o efeito negativo representado pela competição das manufaturas britânicas. O autor não deixa muito claro qual a sua posição sobre o assunto, limitando-se a mostrar ambas as faces da moeda.

O *take off* alemão teria ocorrido no final dos anos 30, isto é, após a criação da União Alfandegária. Esta, adicionada a um rápido desenvolvimento dos transportes, teria criado pela primeira vez na Alemanha um amplo mercado, comparável em extensão ao britânico. A contribuição dos transportes na criação desse mercado merece posição de destaque. Em nenhum outro país, a não ser talvez nos EUA, as ferrovias desempenharam papel de "motor" do desenvolvimento econômico da maneira como o fizeram na Alemanha. Entre 1850 e 1913, o volume de mercadorias transportadas aumentou em mais de 20 vezes. É interessante comparar-se o desenvolvimento ferroviário alemão com o brasileiro. Em ambos os casos, a participação do governo em sua implantação foi pronunciada, mas enquanto que na Alemanha as ferrovias desde o início foram coroadas de sucesso, no Brasil, só aquelas que serviam as regiões de cultura de café é que podem ser consideradas como tendo sido bem sucedidas — as outras, como as do Nordeste, só representaram pesados encargos para o erário público.

Como frisamos acima, até 1850 o desenvolvimento industrial alemão foi relativamente lento, tendo, entretanto, tomado grande impulso após essa data. Parte desse impulso decorreu do rápido desenvolvimento ferroviário que acabamos de citar, mas grande parte esteve diretamente ligada ao desenvolvimento da indústria pesada. Esta cresceu no período posterior a 1850 a uma taxa duas vezes superior à média das outras indústrias, liberando pois o processo de industrialização. Esse fenômeno recebe do autor grande atenção, especialmente, como não poderia deixar de ser, quanto ao método adotado para financiá-lo. É bem conhecida a participação que o sistema bancário teve no desenvolvimento industrial germânico. Enquanto que na Inglaterra o capital fixo era financia-

do pelos mercadores sem grande utilização de créditos bancários, na Alemanha foram os bancos os maiores financiadores da indústria.

O autor conclui sua obra com uma descrição sumária da participação do governo no processo de industrialização através de sua política econômica. Há ainda uma bibliografia conceituada no final do livro, de grande valia para os neófitos no assunto.

Seria fácil criticar a obra do Prof. Borchardt por ter dado pouca ênfase a certos aspectos de capital importância no desenvolvimento alemão, e aqui, o que temos em mente são especialmente os aspectos políticos de amplas repercussões econômicas. Mas, se assim procedêssemos estaríamos sendo injustos para com o autor, pois se tivesse considerado tais aspectos em detalhe, sua obra teria ultrapassado em muito a extensão proposta pelos coordenadores da coleção e o objetivo que tinham em mente — o de fornecer um bom guia introdutório aos interessados no desenvolvimento alemão, algo que a obra de Borchardt atinge plenamente.

Robert Norman V. Cajado Nicol